

UM MÚSICO SEM COMPLEXOS

Aos 37 anos de idade Bernardo Sasseti possui uma carreira invejável. Uma dezena de discos gravados em nome próprio e muitas participações em registos de alguns dos maiores nomes do Jazz da actualidade, com quem nos últimos vinte anos realizou concertos um pouco por todo o mundo, deram-lhe o estatuto de figura de topo no panorama artístico português.

A paixão pelo cinema levou-o a compor música para uma dúzia de filmes, tendo também participado na rodagem de "O Talentoso Mr. Ripley", de Anthony Minghella, ao lado de Matt Damon, Gwyneth Paltrow, Jude Law e Cate Blanchett como membro do Guy Barker International Quintet - com quem gravou, também, um disco que teve Sting e a Royal Philharmonic Orchestra como convidados especiais. Chama-se Bernardo Sasseti e a música está-lhe nos genes, ou não fosse ele descendente da linhagem dos Sasseti, que fizeram história na edição discográfica, e de Luís de Freitas Branco, um dos mais celebrados autores clássicos portugueses.

Autores - A celebrar 20 anos de uma carreira invejável, que balanço faz da sua actividade?

Bernardo Sasseti - Muito positivo, na medida em que as aprendizagens dentro dos vários níveis da música são uma constante. O aspecto mais importante é, talvez, o da procura, cada vez maior, pelo risco ou pelo desconhecido. Acho que foram estes anos todos a girar um pouco por todo o mundo, muitas vezes ligado a outras artes, como o cinema, a fotografia... Dedico-me tanto à fotografia como à música.

A - Já lá iremos...

BS - Portanto isto é uma procura constante e que não terá fim. Os primeiros dez anos de carreira profissional foram de aprendizagem, em que muitas vezes tinha de que estar em palco com músicos que praticamente não conhecia. Isto é uma espécie duma técnica profissional que se vai aprendendo com o tempo. Aprender, sobretudo com o erro, para mim é uma coisa muito importante. E, nesse sentido, esses primeiros dez anos foram fundamentais porque eu tive situações extremamente confrangedoras, em palco, com nomes como, por exemplo, o Art Farmer, um músico que me ensinou imenso, mas que era de uma exigência absoluta. Pequenas situações em que as coisas não corriam bem e que nós tínhamos de resolver no momento, o que às vezes é extremamente complicado.

A - A música é quase uma inevitabilidade na sua vida, dada toda a sua herança genética. Percebeu, desde sempre, que ia ser músico?

BS - A princípio tive uma relação extremamente difícil, não com a música, mas com o piano, o instrumento que, aos 11 anos, resolvi escolher - havia um em casa...Tive uma relação quase dolorosa com a aprendizagem da música clássica, e isso notou-se quando, um pouco mais tarde, tive aulas com António Menéres Barbosa, um professor que era também uma pessoa de uma exigência à qual eu não estava habituado. Mas foi exactamente a partir daí que percebi o que era a interpretação musical, foi ele que me ensinou que, por muito boa que seja a obra escrita, o que realmente sobressai é a individualidade da interpretação. E foi também com António Menéres Barbosa, e em conjunto com ele, que eu decidi que não era aquela música que eu queria fazer. Porque eu chegava a casa com as partituras e começava a improvisar sobre elas. Decidi então fazer outra música, graças a uma relação muito frutífera com os irmãos Moreira e com o pai, Bernardo Moreira - uma das pessoas que me deu as principais luzes sobre o Jazz.

A - É aí que o Jazz entra na sua vida?

BS - Sim. Comecei a ficar fascinado desde que vi o Bill Evans num concerto que deu na Televisão, creio que no Jazz Magazine, na RTP2. E já nessa altura, ainda com o Menéres Barbosa, eu disse: "É isto que quero fazer". Aquele sentido de liberdade que sobressai da sua música... E na altura não sabia o que era o Jazz, e até me sentia afastado daquele tipo de linguagem. Mas o Bill Evans sempre foi uma ponte fundamental entre a música clássica e o Jazz.

A - Não demorou muito tempo a ocupar um lugar na "família" do Jazz. O Luís Villas-Boas falou-me, entusiasmado, de "um puto novo que toca muito bem". Foi uma ascensão rápida...

BS - A minha dedicação era de tal maneira que eu só estudava, não fazia absolutamente mais nada! Era uma entrega total à música. Eu lembro-me que, quando estava a fazer a escola secundária, quase que me isolava, tinha sempre o meu walkman com Duke Ellington, Thelonious Monk, coisa que me afastava um pouco dos meus colegas, com excepção de um ou dois que me compreendiam. Mas era fundamental. Como se sabe, a música acompanha as novas gerações da escola, e há as músicas do momento, mas eu estava completamente à parte disso. Não por ser especial, mas porque tinha um gosto diferente. O meu prazer absoluto, desde aquele concerto do Bill Evans, foi aprender o máximo possível sobre Jazz e linguagem do Jazz, o que está nas entrelinhas, que é a coisa mais importante: como é que esta música se reproduz, o que é essa ideia um pouco abstracta do swing. E depois, quando comecei a aparecer tinha 16 anos, dei o meu primeiro concerto como profissional aos 17 - numa primeira parte de um concerto do John McLaughlin, no Pavilhão do Belenenses.

A - Eu estive lá.

BS - Tinha 17 anos, parecia que tinha 15, e as pessoas têm sempre isso em consideração, sobretudo a tocar aquela música que parecia um pouco estranha. Não para a "família" do Jazz, claro, com quem tinha uma relação fortíssima. Eu tive um amigo muito especial, o Duarte Mendonça, que me recebeu de braços abertos e com quem eu partilhava o gosto pelo Jazz. Ia semanalmente a casa dele, onde podia ir gravar discos, o que me ajudava a ganhar repertório. E depois, naturalmente, houve a relação com o Villas-Boas, uma coisa absolutamente inesquecível. E no princípio da minha adolescência, a relação com a Família Moreira, que aliás são meus primos.

A - Isso não sabia...

BS - E eu não os conhecia. Só vim a conhecer porque a minha mãe uma vez me disse: "Olha, já que estás tão entusiasmado com isso, eu tenho um primo que sabe muito de Jazz". Era o Bernardo Moreira. Passámos a adolescência juntos como irmãos.

A - Outra das suas grandes paixões, já o disse, é o cinema...

BS - Desde os doze anos, quando assisti ao primeiro - e único - grande ciclo sobre o Hitchcock, no Palácio Foz, na Cinemateca e na Fundação Gulbenkian. Passaram 52 filmes dele, e eu assisti a todos menos ao "Psico", que os meus pais não me deixaram ver. Era como se uma parte do meu cérebro funcionasse para o cinema - eu fartava-me de preencher ficheiros, que fazia à máquina, sobre os filmes - enquanto a outra parte funcionava para a música. E o engraçado é que, dezassete anos mais tarde, as duas coisas juntaram-se.

A - E como é que começou a fazer música para cinema?

BS - Foi com um convite da Cinemateca para acompanhar filmes mudos, como se fazia nos primórdios do cinema. Coisas do Murnau, filmes russos de que eu nem me lembro os nomes, as primeiras curtas-metragens do cinema. A partir daí surgiu o convite para escrever uma suite orquestral para a "Maria do Mar", e fiquei encantado com a ideia. E mais tarde, em 2002, nasceu a relação com o Paulo Branco e com o José Álvaro Morais, de quem eu tenho muitas saudades e me ensinou imenso sem me dizer nada. Numa altura em que eu parei de gravar em nome próprio - nessa altura só tinha dois discos gravados - foi a partir daí que comecei a perceber realmente qual era o meu objectivo musical, como intérprete e como compositor. Sobretudo, uma coisa muito importante, que é a relação com alguns músicos, que foram crescendo comigo, como é o caso do meu trio, com o Carlos Barretto e o Alexandre Frazão.